

WUTHERING HEIGHTS E A TRADIÇÃO ROMÂNTICA: O SATÃ BYRONIANO E O INFERNO RECONFIGURADO NO ROMANCE DE EMILY BRONTË¹

Lara Luíza Oliveira Amaral²
Willian André³

Resumo: O romance *Wuthering Heights* (*O Morro dos Ventos Uivantes*, na tradução de Doris Goettems), de Emily Brontë, apresenta características que nos permitem considerá-lo como pertencente à tradição da literatura romântica. Essa proposta será discutida neste trabalho, tendo como enfoque a figura do herói byroniano, a queda da personagem Catherine e a ambientação da obra. Para tanto, tentaremos identificar quais são as características semelhantes entre o herói byroniano e os personagens do romance, assim como estudar a possível “queda” de Catherine ao “inferno”, sendo este o próprio Morro dos Ventos Uivantes. Em seguida, a partir dessa queda, proporemos um diálogo com o artigo de Sandra Gilbert e Susan Gubar, “Looking Oppositely: Emily Brontë’s Bible of Hell” (publicado originalmente em 1979), que discute essa relação entre céu e inferno presente em *Wuthering Heights*. Para a caracterização do herói byroniano, utilizaremos, principalmente, Bataille, em *A Literatura e o Mal* (1989), e Praz, em *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica* (1996).

Palavras-chave: *Wuthering Heights*; literatura romântica; herói byroniano.

WUTHERING HEIGHTS AND THE ROMANTIC TRADITION: BYRONIC SATAN AND HELL RECONFIGURED IN EMILY BRONTË’S NOVEL

Abstract: The novel *Wuthering Heights*, by Emily Brontë, presents some characteristics that allow us to consider it as a part of Romantic literature tradition. This idea is discussed in this study, focusing on the figure of the Byronic hero, Catherine’s fall and the novel’s ambience. For that, we will try to identify what the resembling characteristics between the Byronic hero and the novel’s characters are, and also to study Catherine’s possible “fall” into “hell” (which is *Wuthering Heights* itself). Next, we propose a dialogue with Sandra Gilbert’s and Susan Gubar’s article entitled “Looking Oppositely: Emily Brontë’s Bible of Hell”, originally published in 1979, which discusses the relation between heaven and hell in *Wuthering Heights*. To characterize the Byronic hero we will use, mainly, Bataille’s *A Literatura e o Mal* (1989) and Praz’s *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica* (1996).

Keywords: *Wuthering Heights*; Romantic literature; Byronic hero.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a possibilidade de se inserir o romance *Wuthering Heights* (1847), de Emily Brontë, dentro da tradição do Romantismo. Por conta do período em que foi escrito, o romance em questão pertence, segundo a história da literatura inglesa, à Era Vitoriana (portanto, posterior ao período em que o Romantismo é normalmente

¹Este artigo compreende algumas reflexões desenvolvidas ao longo do projeto de Iniciação Científica “Reflexões sobre a figura do fantasma em *Wuthering Heights*, de Emily Brontë: elementos da narrativa gótica e diálogos com a teoria de Giorgio Agamben”, ainda em andamento. Os autores do artigo são, respectivamente, a pesquisadora e o orientador do referido projeto.

² Graduanda em Letras da UNESPAR/Campus de Campo Mourão.

³ Professor Adjunto da Universidade Estadual do Paraná/Campus de Campo Mourão; Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina.

circunscrito). No entanto, desconsiderando o fator temporal, parece possível reunir um conjunto de características que fazem de *Wuthering Heights* uma obra muito mais romântica do que em consonância com sua “própria época”, já que ela não apresenta discussões explícitas sobre os valores ou a moral vitoriana, ou mesmo certo “comedimento” no desenvolvimento de seu enredo – aspectos frequentes nas obras escritas no período.

Para tentar demonstrá-lo, discutiremos as possíveis associações entre os personagens e a ambientação da obra com base em autores pertencentes ao Romantismo inglês, tais como Lord Byron (1788-1824) e William Blake (1757-1827). Byron foi um dos autores lidos frequentemente por Emily durante seu curto período de vida, e pode ter sido uma das fontes de inspiração para a escrita do seu único romance. Harold Bloom (2007, p. 1) considera que as irmãs Brontë podem ter inventado um novo gênero, profundamente inspirado nas poesias de Byron, nos romances góticos e também no drama elisabetano.

Ainda tratando da escrita das irmãs Emily e Charlotte e das suas personagens mais importantes (Catherine Earnshaw e Jane Eyre, respectivamente), o autor observa: “elas são simplesmente muito selvagens e byronianas, muito românticas”⁴ (BLOOM, 2007, p. 2). De acordo com Bloom (2007, p. 2), seus romances apresentam características de Byron, como “a sexualidade agressiva-passiva, às vezes sadomasoquista, homoerótica, incestuosa e narcisista”⁵. Além disso, o autor ainda traz outro elemento considerado característico da tradição romântica presente nos romances de Emily e Charlotte: o casamento precoce e a morte precoce, que emergem do legado de Shelley, morto aos vinte e nove anos, e do próprio Byron, morto aos trinta e seis.

A partir destas considerações, o trabalho apresentará primeiramente uma comparação entre Heathcliff (um dos protagonistas de *Wuthering Heights*) e o próprio Byron, por este ser considerado um “herói romântico”, utilizando como aporte teórico Mario Praz (1996). Em seguida, Heathcliff será comparado a Satã, também partindo da comparação com Byron. Com base nos estudos de Georges Bataille (1989), Heathcliff será considerado em sua relação com o “Mal”, por conta de sua crueldade. Por fim, a ambientação, composta pelo espaço, clima e características do Morro dos Ventos Uivantes – local que serve como cenário para a maior parte da obra –, será discutida a partir da visão de Sandra Gilbert e Susan Gubar (1979), na qual o Morro é interpretado como sendo o inferno.

⁴ Apresentamos nossa própria tradução para os trechos dos textos em língua estrangeira utilizados. Segue o original: “they are simply too wild and Byronic, too High Romantic”.

⁵ Original: “passive-aggressive sexuality – at once sadomasochistic, homoerotic, incestuous, and ambivalently narcissistic”.

A figura do “herói byroniano”

Conforme Chris Baldick, no *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*, o herói byroniano pode ser entendido como um “audacioso desafiador, mas, ao mesmo tempo, um exilado que se atormenta amargamente; orgulhosamente desdenhoso quanto às normas sociais, mas sofrendo por algum pecado inominado”⁶ (BALDICK, 2001, p. 31). Heathcliff, em *Wuthering Heights*, é um desses personagens. Foi capaz de desenvolver um amor “de alma” por Catherine Earnshaw, sua “meia irmã” desde os tempos de infância. Mas Heathcliff não pode ser considerado o “mocinho” do romance, como ocorre, por exemplo, com Edgar Linton, futuro marido de Catherine. Após o casamento dela, Heathcliff é tomado por uma tristeza/revolta que o faz ir embora do Morro dos Ventos Uivantes, e, ao retornar, torna-se uma pessoa ainda mais cruel e amarga. As autoras Gilbert e Gubar, em seu artigo “Looking Oppositely: Emily Brontë’s Bible of Hell”, discutem essa figura “monstruosa” de Heathcliff:

Pois o gênio revisionário de Brontë se manifesta especialmente em sua percepção das profundas conexões entre o Edmund de Shakespeare, o Satã de Milton, o monstro de Mary Shelley, a figura do noivo demoníaco amante/animal de inúmeros contos populares – e Eva, a primeira rebelde feminina. Por unir características de todas essas figuras em um único corpo, Heathcliff, de um jeito ou de outro, age como todas elas ao longo da segunda metade de *Wuthering Heights*⁷ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 74).

Como pode ser observado, há a influência de outros personagens da literatura que ajudam a descrever Heathcliff, sendo eles: o próprio Satã de Milton, do *Paraíso Perdido*; Edmund, da peça *King Lear*, de Shakespeare; e o monstro de Mary Shelley, de *Frankenstein*. A partir desses, vemos que a figura de Heathcliff, após sua volta ao Morro, é extremamente marcada pelo “maligno”, por conta de um amor que lhe fora correspondido, mas jamais concretizado.

Um dos adjetivos usados por Gilbert e Gubar na caracterização do personagem é “demoníaco”. Se considerarmos a etimologia da palavra (que vem do Latim, *daemon*),

⁶ Original: “a boldly defiant but bitterly self-tormenting outcast, proudly contemptuous of social norms but suffering for some unnamed sin”.

⁷ Original: “For Brontë’s revisionary genius manifests itself especially in her perception of the deep connections among Shakespeare’s Edmund, Milton’s Satan, Mary Shelley’s monster, the demon lover/animal groom figure of innumerable folktales-and Eve, the original rebellious female. Because he unites characteristics of all these figures in a single body, Heathcliff in one way or another acts like all of them throughout the second half of *Wuthering Heights*”.

encontraremos nela um significado mais profundo do que aquele veiculado e cristalizado a partir do Cristianismo: “demônio”, em seu sentido primeiro, significa “espírito”, e mesmo “poder divino”. Essa definição ajuda na compreensão do caráter arrebatado e espirituoso de Heathcliff. Além disso, as palavras “amante/animal” empregadas pelas autoras também apontam, pelo que contêm de visceral e impulsivo, para a tendência do Romantismo de sempre contrapor as emoções à flor da pele aos ditames comedidos da razão.

Isabella Linton, a irmã de Edgar, se apaixonará por essa figura misteriosa e fechada de Heathcliff: “A nova fonte de dificuldades surgiu de uma desgraça inesperada: Isabella Linton demonstrou uma atração súbita e irresistível pelo convidado mal tolerado” (BRONTË, 2012, p. 57). O desejo, aqui, de caráter “irresistível”, exacerbado, é outro elemento que o Romantismo projeta como contraponto à razão. Catherine, talvez por puro ciúme, ou talvez para alertar sua cunhada, tenta convencê-la da verdadeira personalidade do nosso herói byroniano:

Conte-lhe quem é Heathcliff: uma criatura abandonada, sem qualquer refinamento ou educação; um deserto árido, de espinheiros e pedras. Prefiro largar aquele lindo canarinho no parque, num dia de inverno, do que aconselhá-la a entregar seu coração a ele! Foi só a sua deplorável ignorância do caráter de Heathcliff, minha menina, só isso e nada mais, que permitiu que esse sonho lhe entrasse na cabeça. Por favor, não imagine que ele esconde tesouros de benevolência e afeição debaixo de uma aparência severa! Ele não é um diamante bruto, ou uma ostra áspera contendo uma linda pérola: é um homem feroz, impiedoso, cruel (BRONTË, 2012, p. 58).

Heathcliff, portanto, é descrito por sua amada como dono de uma alma intratável e espinhosa: uma figura impiedosa e feroz, fruto de sua condição sempre apaixonada, e disposta a cometer crueldades para alimentar esse sentimento incondicional. Esses aspectos descritos por Catherine podem ser encontrados no estudo de Mario Praz, *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Em seu segundo capítulo, “As Metamorfoses de Satanás”, o autor discute a figura de Satã, citando trechos de vários autores românticos. Utilizando-se de Milton, por exemplo, Praz observa:

Com Milton, o Maligno assume definitivamente um aspecto de beleza decaída, de esplendor ofuscado pelo tédio e pela morte; ele é “majestoso embora em decadência”. O Adversário torna-se estranhamente belo. A beleza maldita é atributo permanente de Satanás; o trovão e o fedor de Mongibello, vestígio da tétrica figura do demônio medieval, desaparecem (PRAZ, 1996, p. 73).

Assim, Heathcliff é capaz de conquistar o coração da ingênua Isabella, que aceita seu pedido e foge com ele para o Morro dos Ventos Uivantes, a moradia dele desde os tempos de infância. Isabella, agora Isabella Heathcliff, conforme o alerta de Catherine, se vê trancafiada no Morro para sempre, tornando-se apenas parte do plano de vingança de Heathcliff, segundo as palavras do próprio personagem:

Ela abandonou tudo isso acreditando numa ilusão – respondeu ele. – Fantasiou em mim um herói de romance, e esperava indulgências limitadas da minha devoção cavalheiresca. Mal posso considerá-la uma criatura racional, tanto ela teimou em formar uma ideia fantasiosa do meu caráter, agindo de acordo com falsas premissas que acalentava (BRONTË, 2012, p. 58).

Vivendo este pesadelo, tendo acreditado nas falsas premissas de Heathcliff, Isabella escreve para Nelly, a antiga governanta do Morro dos Ventos Uivantes, que hoje trabalha na Granja Thrushcross e vive com Catherine e Edgar Linton: “Mr. Heathcliff é humano? E se for, será louco? E se não for, será um demônio?” (BRONTË, 2012, p. 76). As palavras de Isabella parecem confirmar o caráter demoníaco de seu carrasco. De acordo com Gilbert e Gubar,

Seu medo é justificado porque, como podemos ver, a rebelião satânica que Heathcliff introduz nos salões do “paraíso” contém o germe de uma terrível doença com o patriarcado que faz com que mulheres como Catherine e Isabella tentem escapar do aprisionamento de seus papéis e casas, fugindo, morrendo de fome, e finalmente morrendo⁸ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 60).

Heathcliff não poupa nem mesmo aquela que ama, Catherine, dos tormentos que refletem seu próprio tormento interior. Tanto Isabella quanto Catherine, trancadas cada qual em suas prisões, definham até a morte, devido ao “satanismo” de Heathcliff, que contamina todos que lhe demonstram amor. Ao afirmá-lo, não pretendemos dizer, todavia, que o personagem é “mal” no sentido moralista do termo. A maldade de Heathcliff é muito mais a maneira extrema e arrebatada que ele encontra para traduzir seus sentimentos impulsivos.

É para esse sentido que apontam as reflexões de Georges Bataille em *A Literatura e o Mal*, em um capítulo específico sobre Emily Brontë e *Wuthering Heights*. O autor discute a relação entre o bem e o mal – no caso do romance de Brontë, especificamente o mal que percorre

⁸ Original: “His fear is justified because, as we shall see, the Satanic rebellion Heathcliff introduces into the parlors of “heaven” contains the germ of a terrible disease with patriarchy that causes women like Catherine and Isabella to try to escape their imprisonment in roles and houses by running away, by starving themselves, and finally by dying”.

toda a obra e, principalmente, Heathcliff: “De fato, *Wuthering Heights*, ainda que os amores de Catherine e Heathcliff deixem a sensualidade em suspenso, põe acerca da paixão a questão do Mal. Como se fosse o meio mais forte de expor a paixão” (BATAILLE, 1989, p. 14). A paixão de Heathcliff é doentia. Para ele, é como se seu sentimento por Catherine – sentimento selvagem que mescla posse e devoção – só pudesse ser realizado da forma mais intensa e indomável possível. Harold Bloom segue de acordo com a ideia de Bataille, ao observar que “A religião de Emily Brontë é essencialmente erótica, e sua visão da sexualidade triunfante é tão mesclada com a morte que nós não conseguimos imaginar uma consumação para o amor de Heathcliff e Catherine Earnshaw que não seja a morte”⁹ (BLOOM, 2007, p. 6). Seja por meio do mal, seja por meio da morte, apenas os extremos oferecem uma possibilidade de consumação para o amor de alma entre os dois personagens.

A relação entre Catherine e Heathcliff permeia sempre uma situação violenta ou trágica. Heathcliff, ao chegar ao Morro dos Ventos Uivantes (trazido pelo pai de Catherine para ser tratado como seu “irmão adotivo”), se vê mergulhado em um local hostil onde o irmão de Catherine, Hindley, tomado por ciúmes, bate frequentemente em Heathcliff. Desde então, o sentimento de vingança cresce no personagem, sendo completado quando Catherine, sua única amiga, por quem ele nutre uma paixão inflamada, decide se casar com Edgar Linton, seu vizinho da Granja Thruscross. Edgar é considerado “de boa família”, com posses, enquanto Heathcliff é um órfão, de origem desconhecida, que não possui nada.

Quando descobre os planos de Catherine, Heathcliff foge do Morro, e só retorna muitos anos depois de Catherine já ter se casado. Com dinheiro, compra o Morro, que agora era posse de Hindley, o “irmão” que sempre o agredia fisicamente. Esta é a primeira parte de sua vingança. Encontrando Catherine já casada e grávida de Edgar Linton, ele engana a irmã de Edgar, Isabella, e a utiliza como a segunda parte do seu plano de vingar-se dos Lintons, por terem lhe roubado sua Cathy.

Georges Bataille discutirá a figura de Heathcliff ligada ao mal partindo desses momentos de vingança do personagem, que o seguem desde sua infância até o período do seu declínio, e que, por fim, o levam à morte. Bataille reflete:

Não há na literatura romântica um personagem que se imponha mais realmente, e mais simplesmente, que Heathcliff; se bem que ele encarne uma verdade primeira, a da criança revoltada contra o mundo do Bem, contra o

⁹ Original: “Emily Brontë’s religion is essentially erotic, and her vision of triumphant sexuality is so mingled with death that we can imagine no consummation for the love of Heathcliff and Catherine Earnshaw, except death”.

mundo dos adultos, e, por sua revolta sem reservas, devotada ao partido do Mal (BATAILLE, 1989, p. 17).

Não devemos entender as palavras do autor de maneira reducionista. Conforme já observamos, Bataille não enxerga o mal em Heathcliff com acentos moralistas. O mal aqui é o arrebatamento, a escolha pelo trajeto de um caminho solitário e espinhoso: “Heathcliff julga o mundo ao qual ele se opõe: por certo ele não pode identificá-lo ao Bem, já que o combate. Mas se o combate com raiva, é lucidamente: sabe que ele representa o Bem e a razão. Ele odeia a humanidade e a bondade, que lhe provocam sarcasmos” (BATAILLE, 1989, pp. 16-17). Dono de um senso de “justiça” muito particular, fiel à sua própria moral, o personagem não aceita o senso comum e as imposições do mundo em que vive, fazendo de sua conduta nele uma tradução constante de sua alma arrebatada/atormentada.

A queda de Catherine

Não é somente Heathcliff que pode ser associado a esta figura byroniana que o aproxima do satânico, do mal. A própria Catherine pode ser inserida nesse mesmo quadro. Sandra Gilbert e Susan Gubar partem de uma ideia de que o próprio Morro dos Ventos Uivantes seria o inferno – no qual Catherine teria “caído”:

Que *Wuthering Heights* trata do céu e do inferno, por exemplo, é algo há muito tempo já notado pelos críticos, em parte porque todas as vozes narrativas, desde o começo da primeira visita de Lockwood ao Morro, insistem em empregar tanto ações quanto descrições em termos religiosos, e em parte porque uma das primeiras falas de Catherine para Nelly Dean levanta as questões “O que é o céu? Onde é o inferno?” talvez de maneira mais urgente do que qualquer outra fala em um romance inglês¹⁰ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 37).

O trecho referido pelas autoras trata de um sonho que Catherine tem quando é criança, e o compartilha com Nelly, a governanta do Morro. Catherine vai conversar com Nelly inicialmente sobre seu “segredo”: sua paixão por Heathcliff, e a necessidade de casar-se com Edgar Linton. Ao ouvir Catherine começar o relato do sonho dizendo “se eu fosse para o céu,

¹⁰ Original: “That *Wuthering Heights* is about heaven and hell, for instance, has long been seen by critics, partly because all the narrative voices, from the beginning of Lockwood’s first visit to the Heights, insist upon casting both action and description in religious terms, and partly because one of the first Catherine’s major speeches to Nelly Dean raises the questions “What is heaven? Where is hell?” perhaps more urgently than any other speech in an English novel.”

Nelly, seria profundamente infeliz” (BRONTË, 2012, p. 46), a governanta logo a repele: “Porque você não merece ir para lá – respondi. – Qualquer pecador se sente infeliz no céu” (BRONTË, 2012, p. 46), por ser extremamente religiosa, conforme apontado por Gilbert e Gubar. Mas, mesmo assim, Catherine conta-lhe o sonho que tivera, e o motivo que a leva a pensar que se sentiria infeliz estando no céu:

Só ia dizer que o céu não parecia ser a minha casa, e quase morri de tanto chorar, querendo voltar para a terra. Os anjos ficaram tão bravos que me atiraram no meio da charneca, bem no alto do Morro dos Ventos Uivantes, onde acordei soluçando de alegria. Isso serve para explicar o meu segredo, assim como o outro sonho. Não me adianta casar com Edgar Linton, como não me adianta ir para o céu. E se esse tirano que está lá em cima não tivesse rebaixado tanto Heathcliff, eu nem pensaria nessa possibilidade (BRONTË, 2012, p. 46).

Assim, entende-se que ao “cair” no Morro, este seria justamente o inferno. E Catherine, ao descrever o céu como um lugar “ruim”, no qual ela não se sentia em casa, possibilita relacioná-la à figura satânica, tanto quanto Heathcliff, quase como propondo uma inversão da queda do Satã miltoniano em *O Paraíso Perdido* (já que, no caso de Catherine, a queda ao inferno é algo extremamente desejado). Em segunda instância, essa passagem do sonho também permite uma relação com o amálgama entre as imagens do céu e do inferno proposta por outro poeta romântico: William Blake, que, em seu *Matrimônio do céu e do inferno*, declara que “Energia é Deleite Eterno” (BLAKE, 2007, p. 19). A afirmação em questão se encontra na passagem do referido livro de Blake que leva o subtítulo “A Voz do Demônio”, na qual lemos:

Todas as Bíblias ou códigos sagrados têm sido as causas dos seguintes Erros:

1. Que o Homem possui dois princípios reais de existência: um Corpo & uma Alma.
2. Que a Energia, denominada Mal, provém apenas do Corpo; & que a Razão, denominada Bem, provém apenas da Alma. (...)

Mas os seguintes Contrários são Verdadeiros:

1. O Homem não tem um Corpo distinto de sua Alma, pois o que se denomina Corpo é uma parcela da Alma, discernida pelos cinco Sentidos, os principais acessos da Alma nesta etapa.
2. Energia é a única vida, e provém do Corpo; e Razão, o limite ou circunferência externa da Energia.
3. Energia é Deleite Eterno (BLAKE, 2007, p. 19).

O deleite experimentado por Catherine durante o sonho, no momento em que é expulsa do Céu e volta a cair no Inferno (que é o Morro dos Ventos Uivantes), portanto, conforme

argumentam as próprias Gilbert e Gubar, se constrói em termos blakianos. Assim como o poeta, no excerto acima, borra as fronteiras entre aquilo que deve ser considerado pertencente ao Céu e ao Inferno, a personagem de *Wuthering Heights* explicita seu deleite em um ambiente que, a princípio, se encontra na contramão da ideia de felicidade pregada pela moral cristã. A inscrição da personagem nessa caracterização também pode ser constatada na seguinte fala de Nelly, na passagem em que ela descreve o comportamento de Catherine, quando criança, para Lockwood:

Ela com certeza usava de espertezas que eu nunca vira antes numa criança. Esgotava nossa paciência mais de cinquenta vezes por dia. Desde a hora em que descia a escada até a hora de ir para a cama não tínhamos um minuto de paz, pois ela passava o tempo inteiro fazendo alguma travessura. Tinha o espírito sempre vivo e a língua sempre ativa – cantava, ria e atormentava a todos os que não fizessem o mesmo. Era uma moleca selvagem e endiabrada... (BRONTË, 2012, p. 25).

Partindo dessa descrição, Gilbert e Gubar a aproximam ainda mais das características “satânicas” provindas do herói byroniano, citando especificadamente a cena em que o pai de Catherine está para morrer e ela o “acalenta” em seus momentos finais:

Catherine se torna cada vez mais rebelde contra a religião patriarcal paródica que Joseph defende, e assim, também, cada vez mais negligente à disciplina de seu pai. Conforme ganha em energia rebelde, ela se torna satanicamente “como deuses” em seu desafio a tal autoridade socialmente constituída, e, no final, como uma Cordélia demoníaca (isto é, como Cordélia, Goneril e Regan, todas reunidas em uma), ela tem a última risada para o pai, respondendo à sua crucial pergunta antes de morrer, “Por que não podes ser sempre uma boa moça, Cathy?”, com uma desafiante e honesta questão dela mesma: “Por que você não é sempre um bom homem, Pai?” (cap. 5), e então cantando para ele, de forma um tanto hostil, “para dormir” – isto é, para a morte¹¹ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 48).

As autoras sugerem, portanto, que Catherine apresentaria também aspectos de certo “satanismo” (traduzido, principalmente, em termos de rebeldia), já que fora atirada dos céus diretamente para o Morro, seu inferno, sua casa, o local onde se sentia feliz. Além disso, seu comportamento durante a infância, conforme descrito por Nelly, e reiterado nas falas finais de seu pai, demonstram que ela nem sempre fora uma “boa menina”, seguindo os padrões da

¹¹ Original: “Catherine becomes increasingly rebellious against the parodic patriarchal religion Joseph advocates, and thus, too, increasingly unmindful of her father’s discipline. As she gains in rebellious energy, she becomes Satanically “as Gods” in her defiance of such socially constituted authority, and in the end like a demoniac Cordelia (that is, like Cordelia, Goneril and Regan all in one) she has the last laugh at her father, answering his crucial dying question ‘Why canst you always be a good lass, Cathy?’ with a defiantly honest question of her own: ‘Why cannot you always be a good man, Father?’ (chap. 5) and then singing him, rather hostilely, ‘to sleep’ – that is, to death”.

moralidade inglesa aristocrática. É provável que, por isso, sejam ela e Heathcliff tão intimamente ligados um com o outro, já que ambos vivem neste mundo como figuras dotadas de características únicas que os unem.

Ambientação

Os universos em *Wuthering Heights* se opõem, criando, como Gilbert e Gubar descrevem, um local de antíteses, pois enquanto o próprio Morro é descrito como o inferno, a Granja Thruscrhross seria o paraíso. Catherine é o ser que mergulha em ambos, mas sente-se em casa apenas quando está no Morro dos Ventos Uivantes, ao lado de Heathcliff. Essa “transição” de Catherine, passando do inferno ao paraíso, não fora aceita por ela facilmente:

Tendo caído no “céu” decoroso de feminilidade, Catherine deve tornar-se uma moça. E, assim como sua entrada no mundo da Granja Thruscross foi forçada e violenta, também este processo por meio do qual ela é obrigada a acomodar-se a esse mundo é violento e doloroso, uma educação insensível registrada por um observador experimentado, quase sadicamente preciso¹² (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 55).

Nesse sentido, é possível retomar a comparação com Blake: “Para ela [Catherine], assim como para Blake, o paraíso mata”¹³ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 61). Tendo sido mordida por um cachorro ao passear com Heathcliff, Catherine deve ficar hospedada na granja até estar melhor. Ela se vê distante do Morro e de Heathcliff, mergulhada no “paraíso”. E é essa perda, do nosso herói byroniano, que a machuca violentamente nessa passagem da “inocência” para a “experiência”, a partir dos ensinamentos da família Linton (à qual acabará pertencendo futuramente). Uma dimensão mais adequada da dor que envolve esse processo de separação/distanciamento pode ser vislumbrada na citação a seguir, na qual Catherine afirma que ela é Heathcliff: “Nelly, eu sou Heathcliff! Ele está sempre, sempre, na minha mente... Não como um prazer, pois também não sou um prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser” (BRONTË, 2007, p. 47).

Conforme vimos anteriormente, Bataille afirma que o mal talvez seja “o meio mais forte de expor a paixão” (BATAILLE, 1989, p. 14). Assim, a violência do amor vivido por

¹² Original: “Having fallen into the decorous “heaven” of femaleness, Catherine must become a lady. And just as her entrance into the world of Thruscross Grange, was forced and violent, so this process by which she is obliged to accommodate herself to that world is violent and painful, an unsentimental education recorded by a practiced, almost sadistically accurate observer”.

¹³ Original: “For her, as for Blake, heaven kills”.

Catherine e Heathcliff talvez encontre raízes na consciência lacerante demonstrada pela personagem acerca do quão profundo é o laço que a prende a seu amado – ao ponto de ela sentir-se transfigurada nele próprio, ou vice-versa, como se as duas almas fossem realmente apenas uma. Segundo Gilbert e Gubar, esse sentimento avassalador provoca, em tons blakianos, uma série de inversões na composição do universo de *Wuthering Heights*:

Funerais são casamentos, casamentos são funerais. E, é claro, mais importante para nossas propostas aqui, o inferno é o céu, o céu é o inferno, ainda que os dois não estejam separados, como prescreveriam Milton e o decoro literário, por vastos éons de espaço, mas sim por uma pequena faixa de relva¹⁴ (GILBERT, GUBAR, 2007, p. 43).

Essas características opostas emergindo em um mesmo cenário, onde o paraíso é visto como o inferno ou vice-versa, retomam a proposta de Blake no *Matrimônio do céu e do inferno*. Há essa “coexistência” de opostos no universo de Brontë: “Pessoas com decentes nomes cristãos (Catherine, Nelly, Edgar, Isabella) habitam uma paisagem em que também vivem pessoas com nomes estranhos de animais ou da natureza (Hindley, Hareton, Heathcliff)”¹⁵ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 43). Podemos notar que os personagens possuidores de nomes “estranhos”, “animalescos”, todos habitaram tão somente o Morro dos Ventos Uivantes, enquanto os “decentes nomes cristãos” são daqueles que acabaram na Granja Thrushcross: Isabella e Edgar nasceram na Granja, enquanto Nelly e Catherine a habitaram posteriormente, como se tivessem sido “convertidas” do período em que habitaram o inferno (Morro). O termo “decentes”, empregado pelas autoras, já aponta para a aproximação dos personagens com os valores morais subjacentes à narrativa – valores combatidos por aqueles que possuem nomes animalescos.

Bataille também intercala a ideia entre céu e inferno dentro da obra ao observar que “O tema do livro é a revolta do maldito que o destino expulsa de seu reino e que nada contém no desejo ardente de reencontrar o reino perdido” (BATAILLE, 1989, p. 16). Esse “maldito” a que o autor se refere, ecoando a figura de Satã, é Heathcliff. Ele é esse “ser errante” que busca desde sempre, mas principalmente após a morte de Catherine, encontrar seu lugar. A morte de sua amada, simbolizando a impossibilidade de concretizar sua paixão visceral, o torna ainda

¹⁴ Original: “Funerals are weddings, weddings funerals. And of course, most important for our purposes here, hell is heaven, heaven hell, though the two are not separated, as Milton and literary decorum would prescribe, by vast eons of space but by a little strip of turf”.

¹⁵ Original: “People with decent Christian names (Catherine, Nelly, Edgar, Isabella) inhabit a landscape in which also dwell people with strange animal or nature names (Hindley, Hareton, Heathcliff)”.

mais perdido no mundo, e ele procura ardentemente uma saída, reencontrando sua Cathy apenas na morte.

Mario Praz identifica o mesmo percurso no poema “Lara”, de Byron, que pode ser relacionada à figura de Heathcliff após a morte de Catherine: “Havia nele um amargo desprezo por todas as coisas. Como se tivesse acontecido tudo que pode de pior, ele estava como um estrangeiro neste mundo de viventes, como um espírito errante arremessado de um outro planeta” (PRAZ, 1996, p. 78). É como se Emily Brontë, absorvida por todo esse ar melancólico byroniano, desse a seu personagem tais características.

Heathcliff, após a morte de Catherine, começa a “definhar”. Em seus momentos finais, já atormentado pela morte, não consegue se alimentar e apenas vaga pelo Morro. Nelly, a antiga governanta que ajudara na sua criação, tenta salvá-lo, mas ele replica:

Não é por culpa minha que não posso comer nem descansar – respondeu ele. – Asseguro-lhe que não é por vontade própria. Farei as duas coisas, assim que me for possível. É como pedir a um homem lutando com a água que descansa, quando está a uma braça da costa! Tenho que alcançar a costa primeiro, para então descansar. (...) Estou muito feliz; mas ainda não cheguei à felicidade plena. Essa felicidade da alma está matando meu corpo, e mesmo assim não me satisfaz (BRONTE, 2012, p. 181).

Antes de morrer, Heathcliff pede a Nelly que seu corpo seja enterrado junto ao de Catherine, ainda que isso seja contra todos os princípios e regras. Seu pedido é atendido, mesmo com relutância da população. E assim, Heathcliff finalmente alcança a “felicidade plena” que tanto buscara após a morte de Cathy. Ainda buscando ecos byronianos na escrita de Emily Brontë, há a seguinte passagem ressaltada por Gilbert e Gubar:

Assim, *Wuthering Heights* é, em certo sentido, uma glosa elaborada do Romantismo byronico e da fantasia de incesto de Manfred, escrito, como Ratchford sugeriu, a partir de uma perspectiva feminina consciente. As invocações apaixonadas de Heathcliff por Catherine (“Venha!... ouça-me” [cap. 3] ou “Esteja comigo sempre – com qualquer forma – enlouqueça-me” [cap. 16]) ecoam, quase exatamente, a famosa fala de Manfred para Astarte (“Ouça-me, ouça-me... fale comigo! Ainda que seja em ira...”) ¹⁶ (GILBERT; GUBAR, 2007, p. 42).

¹⁶ Original: “Thus *Wuthering Heights* is in one sense an elaborate gloss on the Byronic Romanticism and incest fantasy of Manfred, written, as Ratchford suggested, from a consciously female perspective. Heathcliff’s passionate invocations of Catherine (‘Come in!... hear me’ [chap. 3] or ‘Be with me Always – take any form – drive me mad’ [chap. 16]) almost exactly echo Manfred’s famous speech to Astarte (‘Hear me, hear me... speak to me! Though it be in wrath...’)”.

A partir deste trecho, vemos, quase literalmente presentes, passagens de Byron no romance de Emily Brontë. Esta e as demais semelhanças apresentadas anteriormente confirmam a “presença” evidente de escritores românticos na escrita da autora – não somente na constituição de seus personagens, mas também na configuração do próprio espaço desse romance.

Há a coexistência de opostos em um mesmo cenário, como, por exemplo, os nomes cristãos em um local considerado como sendo o inferno. Catherine pode representar tanto a própria Catherine Earnshaw, o amor de Heathcliff, como Catherine Linton, a filha de Catherine com Edgar. Esta se torna uma das “prisioneiras” do Morro, assim como Isabella fora, e é obrigada a conviver, nesse cenário amargo e “infernai”, com personagens de “nomes estranhos e animais” – como o próprio Heathcliff e Hareton (filho de Hindley). Após a morte de Heathcliff, Hareton e Catherine Linton passam a nutrir um pelo outro um sentimento afetivo e conseguem tirar o “peso” que cercava o Morro por tantos anos. A esse respeito, Gilbert e Gubar observam, em tom irônico:

Os ilegítimos Heathcliff/Catherine foram finalmente substituídos na natureza/inferno, e substituídos por Hareton e Catherine II – um casal mais adequado, tal como Nelly substituíra Catherine como uma mãe mais adequada para Catherine II. De maneira bastante racional, Nelly agora observa que “A coroa de todos os meus desejos será a união” deste casal novo e civilizado, e Lockwood observa, a respeito do novo casal, que, “juntos, eles enfrentariam Satanás e todas as suas legiões”. De fato, tanto em termos de Milton quanto de Brontë (e este é o único ponto em que os dois absolutamente concordam), eles já enfrentaram Satanás, e triunfaram. É agora 1802; o Morro – inferno – foi convertido na Granja – céu; e com a história patriarcal redefinida, renovada, restaurada, o século XIX pode realmente começar, repleto de chás da tarde, e anjos, governantas e personagens ministeriais¹⁷ (GILBERT; GUBAR, 2007, pp. 78-79).

Após todos os períodos difíceis, violentos e trágicos pelos quais passara, o Morro está agora “convertido” e prestes a celebrar com chás, governantas e novos personagens. Catherine II, como chamam as autoras, é Catherine Linton, e esta, depois de “converter” Hareton – e, ao lado dele, derrotar Satã (Heathcliff) –, consegue converter o Morro em paraíso. A aparente

¹⁷ Original: “The illegitimate Heathcliff/Catherine have finally been replaced in nature/hell, and replaced by Hareton and Catherine II – a proper couple just as Nelly replaced Catherine as a proper mother for Catherine II. Quite reasonably, Nelly now observes that ‘The crown of all my wishes will be the union of’ this new, civilized couple, and Lockwood notes of the new pair that ‘together, they would brave Satan and all his legions’. Indeed, in both Milton’s and Brontë’s terms (it is the only point on which the two absolutely agree) they have already braved Satan, and they have triumphed. It is now 1802; the Heights – hell – has been converted into the Grange – heaven; and with patriarchal history redefined, renovated, restored, the nineteenth century can truly begin, complete with tea-parties, ministering angels, governesses, and parsonages”.

interpretação alegórica oferecida por Gilbert e Gubar é desmentida, todavia, pelo final da narrativa de Nelly para Lockwood, que diz ainda ter medo de andar sozinha por entre os morros:

Mas o povo da região, se o senhor lhes perguntar; jura sobre a Bíblia que ele caminha por aí. Alguns dizem que o encontraram perto da igreja, outros na charneca, e outros dizem que o viram até dentro desta casa. Histórias tolas, dirá o senhor, e eu também digo. O velho, no entanto, lá junto ao fogo da cozinha, afirma que os vê, aos dois, olhando pela janela do seu quarto, a cada noite de chuva, desde a morte do patrão (BRONTË, 2012, p. 183).

O Morro pode, agora, pertencer a novas gerações: uma nova Catherine que guarda resquícios de sua mãe, e um novo Heathcliff, embora convertido. Mas estes, Catherine Earnshaw e Heathcliff, jamais deixarão o lugar onde nasceram. Nelly, vendo Catherine Linton e Hareton juntos caminhando pelo Morro, conclui: “Esses não tem medo de nada (...). Juntos, enfrentariam satã e todas as suas legiões” (BRONTË, 2012, p. 183). Todavia, “as legiões de satã” são reafirmadas na presença dos fantasmas dos dois amantes, que continuarão perpetuando seu amor atormentado.

Referências

BALDICK, Chris. *The Concise Oxford Dictionary of Literary Terms*. New York: Oxford University Press, 2001.

BATAILLE, Georges. *A Literatura e o Mal*. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 1989.

BLAKE, William. *O matrimônio do céu e do inferno e O livro de Thel*. Edição bilíngue. Trad. José Antônio Arantes. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

BLOOM, Harold. Introduction. In: _____ (Ed.). *Bloom's Modern Critical Interpretations: Wuthering Heights*. Updated Edition. New York: Bloom's Literary Criticism, 2007, pp. 1-8.

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Edição bilíngue. Trad. Doris Goettems. São Paulo: Landmark, 2012.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Looking Oppositely: Emily Brontë's Bible of Hell. In: BLOOM, Harold. (Ed.). *Bloom's Modern Critical Interpretations: Wuthering Heights*. Updated Edition. New York: Bloom's Literary Criticism, 2007, pp. 33-89.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

Recebido em: 05/03/2016

Aceito em: 22/12/2016